

The investigative approach

Researching in History of Education

O "olhar" investigativo

A pesquisa na História da Educação

Maria Celi Chaves Vasconcelos
Universidade Católica de Petrópolis
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil
maria2.celi@gmail.com

Abstract — The paper presents the methodological procedures used in investigations in the field of history of education, bringing together two fields of knowledge, history and pedagogy, in order to analyze possible sources, subjects and institutions, significant for this category of qualitative research on the contexts and circumstances as was education.

Keywords - historical research; research subjects; sources; institutions.

Resumo — O artigo apresenta procedimentos metodológicos utilizados em investigações realizadas na área de história da educação, reunindo dois campos do conhecimento, a história e a pedagogia, com a finalidade de analisar possíveis fontes, sujeitos e instituições, significativas para essa categoria de pesquisa qualitativa, sobre os contextos e circunstâncias em que foi desenvolvido o ensino.

Palavras Chave - pesquisa histórica; sujeitos de pesquisa; fontes; instituições.

I. INTRODUÇÃO

As pesquisas na história da educação têm características que remetem a união de dois campos de conhecimento distintos, mas que estabelecem um diálogo fundamental para o entendimento da gênese dos processos educativos: a história e a educação. Cada um com as suas especificidades e peculiaridades, juntos permitem a investigação daquele que podemos denominar como o campo de conhecimento que explora desde os primeiros atos deliberados, formais ou não, da transmissão de ideias, informações, aprendizagens e princípios do que se julgava deveria ser perpetuado e lembrado, bem como as práticas utilizadas para esse fim. À medida que esses ensinamentos vão ganhando certa organização e passam a ser realizados intencionalmente, em espaços destinados e adaptados à ação educativa, a pesquisa neste campo revela aspectos significativos tanto para a educação como para a história.

Pierre Nora [9, p. 10] afirma que “o historiador dos dias de hoje está pronto, ao contrário de seus antecessores, a confessar a ligação estreita, íntima e pessoal que mantém com o seu

trabalho”. Nesse sentido, reunir campos como a educação e a história, pesquisando suas conexões, especialmente a educação na história, a educação na sociedade e as relações explícitas entre sociedade e educação, trata-se também de se portar como o historiador e trazer para o íntimo do papel de educadores a investigação da educação em uma perspectiva histórica, contribuindo para o entendimento do *modus* de se pensar e fazer educação e de como essas concepções foram sendo construídas nas relações sociais, cotidianas, presentes no interior dos vários espaços educativos.

Assim, para reunir o historiador e o educador é necessário pôr em prática o que Nóvoa [10, p. 11] orienta:

O mínimo que se exige de um historiador é que seja capaz de pensar a educação. O mínimo que se exige de um educador é que seja capaz de pensar a sua ação nas continuidades e mudanças do tempo participando criticamente na renovação da escola e da pedagogia.

Além disso, há um imenso fluxo de informações sobre movimentos, processos educativos e lutas dos educadores para a construção da educação, em diversos momentos, a espera de um olhar atento do historiador ou do educador que se proponha aos desafios das investigações históricas.

No entanto, a história da educação não está pronta e adormecida em algum lugar aguardando o pesquisador que queira estudá-la, muito menos os fatos e seus registros estão prontos e acabados, reunidos em uma pilha de documentos que possam revelar o real histórico em si ou aquilo que se deseja venha ser uma realidade histórica. Muito pelo contrário, pesquisar a educação e a sua inserção na história constitui-se em um amplo processo que não pode se reduzir aos documentos e registros e, particularmente, aos documentos e registros apenas dos momentos vividos pela escola – uma invenção popularizada somente nos últimos dois séculos – desconsiderando outras inúmeras circunstâncias que compõem a história da educação, vividas entre sujeitos, entre sujeitos e instituições, com uma temporalidade muito mais abrangente.

Pesquisar na história significa, *a priori*, entender o contexto histórico que se está investigando, neste caso, relacionando os



movimentos educativos com outros muito maiores, causadores ou resultantes da luta de homens e mulheres, de suas conquistas e derrotas. Contudo, nem sempre é viável estabelecer todas as relações que seriam necessárias à localização contextual histórica dos acontecimentos ou verificar a sua amplitude de possibilidades, ou ainda presumir que ao cercar o contexto pesquisado se estará recuperando a história, pois a investigação histórica não é um simples levantamento de registros, ela envolve a complexidade da memória.

A memória, por sua vez, remete ao grupo, ou seja, as lembranças se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo. E, neste caso, Halbwachs [6, pp. 75-76] aponta que as lembranças podem ser reconstruídas ou simuladas, isto é “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada”. Dessa forma, tal como Pierre Chaunu [3, p. 64] afirma, “não se volta atrás no tempo”. Apesar de o historiador tentar superar essa impossibilidade, vivendo a constante sedução de “recuperar” a história, não há como fazê-lo, pois é utópica qualquer tentativa de “ressurreição integral do passado” [3, p. 64].

A história da educação, por seu turno, oferece o mesmo fascínio aos pesquisadores e, conseqüentemente, as mesmas armadilhas, especialmente aquelas que se referem a encontrar traços do presente no passado e vice-versa, distinguindo os fatos pelo contexto em que se inserem e não pelas práticas que contém em si.

Pesquisar a história da educação significa também tratar das lembranças “que nos dizem respeito”, pois como alerta Georges Duby [4, p. 137] se a história dos outros é “tanto melhor quanto mais apaixonada, a história de si requer, ao contrário, a objetividade mais rigorosa. Deve retificar com toda a energia aquilo que o amor próprio deforma irresistivelmente”. Cabe a nós, educadores, portanto, ao pesquisar a história da educação, observar o tênue limite entre os dois campos, para que, não deixando de nos tornar pesquisadores apaixonados, lembremos que estamos investigando o nosso próprio passado, como sujeitos e instituições protagonistas dos processos educativos, inseridos na dinâmica histórica das ações e das sociedades.

Assim, empreender investigações que têm como ênfase circunstâncias e processos educativos ocorridos em determinado tempo e lugar, posicionar-se sobre eles e arriscar prognósticos, requer entender o papel do pesquisador diante da história, ou seja, como afirma Raoul Girardet [5, p. 139] “o historiador não dominará nunca o futuro, mesmo que deva preparar-se para ele e preparar os outros”, além de que sempre correrá o risco de entender o passado com o olhar equivocado do presente. Para evitá-lo é necessário, então, aquilo que René Rémond [12, p. 288] chama de “desconfiar da subjetividade”, pois os historiadores “conhecem por experiência a precariedade da recordação, a fragilidade do testemunho; conhecem pela profissão a propensão inconsciente de cada um para introduzir na curva de sua existência uma coerência emprestada”.

Embora correndo todos os riscos inerentes a se aventurar por um campo no qual há vasta e notória produção, a história da educação tem sido o foco de muitas pesquisas e algumas delas, considerando a complexidade relacionada aos temas e as inúmeras formas como poderiam ter sido tratados, trazendo surpreendentes reencontros, seja da educação com a história, seja de aspectos esquecidos e sutilmente revelados entre esses dois campos, desafiando a memória/história que insistia em mantê-los prisioneiros.

Partindo dessas premissas que veem as pesquisas na história da educação como a forma de interação de dois campos do conhecimento que resultam em um terceiro, delineamos alguns aspectos, relativos a sujeitos, fontes e instituições educativas, que devem ser observados nas investigações que se debruçam sobre essa temática.

II. SUJEITOS E FONTES HISTORIOGRÁFICAS

Na pesquisa em história da educação, as ações metodológicas buscam aproximar as hipóteses pertinentes ao problema de investigação, delineando os passos iniciais de inserção no campo de pesquisa. Já na consulta às primeiras fontes, as hipóteses levantadas podem obter um indicativo de sua validação e do quanto será necessário aprofundar o estudo para aproximá-las da questão a ser pesquisada.

Para estabelecer essas conexões hipóteses/problema de pesquisa, na maioria dos casos, é necessário utilizar, inicialmente, diversas fontes, entre elas, documentos oficiais como pareceres, decretos, estatísticas, relatórios e atas. Eles asseguram os marcos fundantes necessários para o estabelecimento de datas, lugares, instituições, sujeitos e nomes, cujas pistas levam à história que está sendo buscada. Cumprida essa primeira etapa, a seguir, é importante voltar-se para a produção científica e bibliográfica realizada sobre o local e a época pesquisados, com o objetivo de conhecer o quadro social, político e econômico em que a história será contada. Em um terceiro momento, procede-se a uma investigação mais detalhada, buscando localizar em fontes não intencionais o registro do tema tratado ou aspectos que possam revelá-lo [13]. Nesse sentido, é significativa a leitura de documentos pessoais como diários, cartas, relatos de viajantes, almanaques, bem como artigos publicados na imprensa contemporânea aos fatos que estão sendo pesquisados.

Uma das maiores dificuldades em qualquer pesquisa histórica refere-se à localização e o acesso às fontes de pesquisa. Como não se dispõe, ainda, de uma rede integrada de consulta a arquivos e acervos, a única forma de realizar a localização e mapear as possibilidades institucionais de investigação é a visita a cada um deles e a busca em seus catálogos, seja manual ou virtual.

Após a localização do material disponível, torna-se fundamental selecionar, avaliar e realizar uma revisão crítica, pois os dados obtidos, normalmente, estão carregados de

interpretações, tanto de seus autores como daqueles que fizeram a própria catalogação. Nessa perspectiva, as informações contidas nos documentos oficiais, tais como pareceres, atas e relatórios, "não podem ser consideradas como fontes totalmente fidedignas de leitura da realidade, e sim como registro por vezes manipulado daquilo que se desejava mostrar. Por outro lado, esse direcionamento, quando evidenciado conserva o mérito de assinalar aquilo que era do interesse oficial demonstrar" [14, p. 21].

Uma das fontes mais significativas para a recomposição dos cenários historiográficos, especialmente daqueles em que não se pode mais contar com depoimentos orais, são os relatos de viajantes que testemunharam esse período. Neles encontram-se anotações e reflexões sobre a cotidianidade vivida durante sua estada em diferentes lugares, os ritos observados, hábitos e costumes, enfim, o *modus vivendi*, por vezes, se referindo ao lugar que a educação ocupou na vida da sociedade investigada.

Os jornais e periódicos de época também podem ser considerados testemunhos privilegiados, pois costumam publicar a relação de escolas, professores e até mesmo os programas curriculares utilizados pelas instituições. Essas informações transformam-se em uma fonte expressiva usada para analisar a demanda pela educação, uma vez que permitem localizar as instituições de maior destaque, o seu alcance, as suas práticas e concepções educativas.

Além deles, os diários e as missivas elaboradas por personagens significativos ou anônimos também oferecem muitas informações, principalmente quando se objetiva, com isso, conhecer as posições pessoais, as preocupações e o interesse dos sujeitos relativos à educação. A própria análise física do material já traz muitos indicativos sobre seus autores e o grau de investimento educacional de que dispunham.

Cabe ressaltar que pesquisar a educação na história é um processo que vai se deparando com novas perspectivas a cada passo, pois à medida que se retrocede no tempo, é possível encontrar marcas, escritos, figuras e documentos que levam a outras histórias, outros personagens, por vezes, sendo necessário exercitar a manutenção do foco principal do estudo, para não sucumbir ao risco constante de enveredar pelo caminho de uma circunstância, seguir um personagem, dissipar a curiosidade sobre o final de uma situação encontrada.

A pesquisa em documentos oficiais como relatórios escritos por dirigentes ou autoridades sobre o seu próprio trabalho, também se constitui em uma fonte importante, uma vez que contém as informações governamentais do período focado. Normalmente, esses documentos têm como característica, embora por vezes manipulada, o levantamento de dados relativos à situação da instrução pública, fragmentos da memória instituída, com ênfase nas condições de oferta e demanda no período estudado. Ao realizar uma investigação

histórica que objetiva fazer uma recomposição do passado por meio de uma pesquisa essencialmente bibliográfica e documental, torna-se necessário entender a importância dos registros oficiais como testemunhos para a construção da memória, ou seja, quem escrevia, para quem e com que finalidade.

A partir da problematização dessas questões e tomando diversos cuidados na leitura dos documentos, para que os mesmos possam revelar a sua identidade coletiva como "fundamento do fato histórico, uma prova histórica, um testemunho escrito" [8, pp. 95-96], deve-se refletir sobre o papel do historiador diante de documentos e registros, lembrando Le Goff [8, p. 96] quando afirma que na pesquisa histórica,

A leitura dos documentos não serviria, pois, para nada se fosse feita com idéias pré-concebidas... A sua única habilidade (do historiador) consiste em tirar dos documentos tudo o que eles contêm e em não lhes acrescentar nada do que eles não contêm. O melhor historiador é aquele que se matém o mais próximo possível dos textos.

Todavia, ultrapassando a idéia de documento/monumento, cabe-nos também desmonumentalizar os relatórios, mesmo que concentrando o olhar nos acontecimentos descritos. Destarte, não se pode perder de vista o contexto, os autores e a sua posição na sociedade da época, assim como os seus interesses, para quem escreviam e porque escreviam os seus registros, questões essas que demandam um intenso trabalho bibliográfico-documental. Muitas vezes, a cada relato o autor questiona a sua própria informação, registrando o quanto ela se distancia do ideal, ou até mesmo indagando a sua viabilidade de ser real [2].

Na pesquisa com base em relatórios oficiais, revela-se, ainda, a possibilidade do estudo da memória escrita, como uma "faculdade de conservar os vestígios do que pertence já em si a uma época passada", considerando que a memória registrada nos relatórios constitui "resíduos da vida" que se perpetuam após a morte como "recordações coletivamente materializadas" por meio dos documentos escritos [11, p. 509].

III. A INVESTIGAÇÃO EM INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS: ENTRE A MEMÓRIA E A HISTÓRIA

A arquitetura das instituições costuma expressar muito de sua própria história, especialmente, quando se trata de instituições católicas, seculares, cuja estrutura física remete a grandiosidade da missão de suas edificações em tempos já não mais testemunhados.

A investigação histórico-documental nessas instituições, principalmente aquelas destinadas à educação feminina, busca compreender, particularmente, o perfil das mulheres,

professoras e alunas, bem como os processos educacionais que ali se davam entre os anos em que funcionaram, comumente, como internatos fechados.

Tais escolas costumam se caracterizar por sua abrangência extremamente ampla, não apenas em relação ao período de investigação, mas ao universo diversificado de possibilidades de pesquisa, sendo necessário, *a priori*, estabelecer categorias de análise, buscando aquelas que se acredita ser as que podem permitir um maior aprofundamento em um mundo silenciado há anos e cujos únicos resquícios encontram-se, muitas vezes, em arquivos descontinuados ou em "porões", reunidos a outros acervos não mais usados. Contudo, para levar a cabo tal investigação, pode-se, ainda, contar com um elemento extremamente significativo, a memória daqueles que vivenciaram a sua existência.

A categoria gênero é uma das primeiras a aparecer nesses ambientes historicamente compartilhados por mulheres. São alunas, dirigentes, professoras, auxiliares que conviveram em um espaço de hegemonia feminina, determinado, porém, por uma soberania patriarcal. O próprio espaço-escola separa, desde cedo, as meninas dos meninos, mediante a utilização do regime de internato, dos regulamentos rigorosos e das concepções ensinadas que produziam e reproduziam as diferenças entre eles [1].

A segunda categoria que normalmente desponta no estudo de instituições femininas, é a identidade católica, devido ao fato de que a escola católica, também era responsável pela construção de uma identidade ligada à religiosidade, baseada nos princípios da igreja católica, que regiam o cotidiano carregado de rituais e símbolos sagrados. Era por meio de orações diárias, reflexões impregnadas de valores cristãos que a escola ia aos poucos modelando um perfil feminino religioso [7].

Outra categoria notadamente presente é relativa ao espaço social compartilhado, as relações existentes, particularmente, aquelas estabelecidas entre mulheres de distintas classes sociais, convivendo em um mesmo ambiente, com *status*, funções e posturas completamente diferenciadas, concernentes ao lugar ocupado na inflexível estrutura de uma escola católica feminina.

Como não poderia deixar de ser, tratando-se de um universo de investigação com características tão complexas, a pesquisa demanda a utilização de fontes diversificadas que abrangem desde documentos existentes em arquivos, museus, coleções pessoais, "egodocumentos"¹, até o testemunho ainda presente de egressos da instituição.

¹ De acordo com Dekker (2002, p. 14), em meados dos anos cinquenta do século XX, o historiador Jacob Presser introduziu uma nova palavra: "egodocumento", denominação que veio significar as autobiografias,

Todavia, não se pode esperar encontrar nos acervos, fontes intactas e organizadas que possam recontar, sem a complexidade da montagem de um mosaico, a história que se espera revelar. Os documentos ainda existentes relativos a essas instituições, normalmente, já foram selecionados, censurados e, por vezes, desapareceram com o tempo; no entanto, o pouco que resta, frequentemente, fornece dados significativos quanto ao número de alunas matriculadas, à listagem de alunas, à listagem de professores, aos critérios de avaliação, às disciplinas lecionadas, às atas de notas, entre outros.

Em que pese à importância dessas informações, faz-se imprescindível a busca por outras fontes que, reunidas às anteriores, possam desvelar mais aspectos sobre a existência da instituição. A partir dessas fontes documentais associam-se, então, outras fontes. Entre elas, são muito significativas as escrituras de compra e venda, datando o início e término da instituição, quando for esse o caso; registros de imóveis lavrados em cartórios que, por vezes, possuem as plantas arquitetônicas originais; egodocumentos e relatos de ex-alunas, encontradas por meio de endereços na *internet* ou por indicação de pessoas conhecidas.

Os egodocumentos preenchem também as lacunas deixadas pelo material documental oficial. Cartas e artigos expressam o cotidiano vivido pelas alunas e por outros membros integrantes da instituição, com lembranças que, ora são positivas, ora já nem tanto; contudo, são posições tidas, em grande parte, unilateralmente pelo sujeito, demonstrando a sua expressividade como material de investigação histórica.

As entrevistas, nesse caso, igualmente se constituem em fontes básicas para a reconstrução das circunstâncias de existência das instituições, por se tratar, sobretudo, de relatos colhidos de testemunhas privilegiadas. Todavia, cabe ressaltar que mesmo as testemunhas "oculares" da história vivida, devem ser ouvidas considerando-se que a memória "não guarda mais do que um pálido reflexo do instante" que se quer fazer reviver [3, p. 64].

As fontes conduzem ainda à leitura de publicações locais e estrangeiras para fundamentar, histórica, social e culturalmente, o painel montado em cada época, assim como redescobrir, na literatura, referências à educação praticada nas instituições escolares. Paralelamente a essa busca, pode-se deparar com um volume significativo de documentos iconográficos que reportam ao período em estudo. Esses documentos devem ser "lidos" e analisados, também, como expressivas fontes de pesquisa.

Além dessas, cabe ressaltar uma das fontes mais significativas para a pesquisa em história da educação, os

memórias, diários, letras pessoais e outros textos em que o autor escreve, explicitamente sobre si, questões próprias e seus sentimentos.

jornais da época, em suas reportagens específicas sobre a educação, a instrução, o papel das mães e das mestras, entre outras matérias concernentes ao tema. A leitura e análise desses periódicos fornecem pistas que indicam as interpretações ligadas ao contexto social do período, evidenciando o imaginário coletivo refletido nas percepções e valores educacionais registrados.

A investigação e a análise do material histórico citado, sobretudo quando se trata de um acervo institucional bastante vasto, requerem criteriosa ordenação metodológica, porque, conforme a pesquisa avança e mais fontes são catalogadas, torna-se necessário confrontá-las e indagá-las, a fim de se obter informações pertinentes à recomposição das circunstâncias pesquisadas.

A par dessas observações, pode-se afirmar que a investigação em instituições educativas transita entre a memória e a história, para permitir a compreensão de um processo educacional instituído como modelo, em uma determinada época, e possibilitar o conhecimento de suas contradições e versões a partir dos depoimentos registrados.

IV. CONCLUSÕES

Acompanhar pesquisas que tomam a educação na história como campo do conhecimento a ser investigado, trata-se de uma caminhada que se faz em direção à recriação de lugares, sujeitos e fontes, mas, especialmente, é uma tarefa silenciosa realizada no pequeno coletivo de um grupo de pesquisa, limitado pelas circunstâncias de investigação concernentes a cada um. Entretanto, é também uma atividade plena de possibilidades que se demonstram desde o solitário interesse de pesquisar um tema, à concretude das descobertas e à consolidação de um estudo. Além disso, os temas em questão, muitas vezes, surgem quando são tecidas imagens, ideias e indagações que resultam na construção de projetos deflagradores das investigações.

Cabe destacar que as múltiplas relações que se estabelecem entre o tema e suas fontes, o pesquisador e seus acervos, a

ideia inicial e as descobertas posteriores, traduzem-se em trajetórias metodológicas, cujos procedimentos de investigação provocam outros tantos temas e possibilitam por meio dos resultados obtidos, contribuir para o campo do conhecimento que reúne a educação e a história, criando uma área extremamente abrangente em relação às pesquisas qualitativas: a investigação na história da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] Alaminho, M., "Na casa de Marta e Maria: um estudo sobre o Colégio Notre Dame de Sion em Petrópolis", *Dissertação de Mestrado* (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2008.
- [2] Apolaro, Raquel da Costa, "Panorama da Instrução Pública na Província do Rio de Janeiro na década de 70 do oitocentos", *Dissertação de Mestrado* (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2008.
- [3] Chaunu, Pierre, "O filho da morta", in Nora, Pierre et al, "*Ensaio de ego-história*", Lisboa, Edições 70, 1989, pp. 63-108.
- [4] Duby, Georges, "O prazer do historiador", in Nora, Pierre et al, "*Ensaio de ego-história*", Lisboa, Edições 70, 1989, pp.109 - 138.
- [5] Girardet, Raoul, "A sombra da guerra", in Nora, Pierre et al, "*Ensaio de ego-história*", Lisboa, Edições 70, 1989, pp. 138 - 170.
- [6] Halbwachs, Maurice, "*A Memória Coletiva*", São Paulo, Ed. Centauro, 2004.
- [7] Leal, Maria José Senra de Carvalho, "Educação física feminina: experiências de educação do corpo no Colégio Santa Catarina em Juiz de Fora nas décadas de 1940 e 1950. 2011", *Dissertação de Mestrado em Educação* – Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2011.
- [8] Le Goff, Jacques, "*Memória e História*", 3 ed. Campinas, São Paulo, Editora da Unicamp, 1994.
- [9] Nora, Pierre et al, "*Ensaio de ego-história*", Lisboa, Edições 70, 1989.
- [10] Nóvoa, Antônio, "Por que a história da educação", in Stephanou, Maria e Bastos, Maria H. C. (org.), "*História e Memórias da Educação no Brasil*", vol II, Petrópolis, Vozes, 2005, pp. 9-13.
- [11] Pomian, Krzystof, "Memória", in Gil, Fernando, "*Sistemática*", Porto, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2000.
- [12] Rémond, René, "O contemporâneo do contemporâneo", in Nora, Pierre et al, "*Ensaio de ego-história*", Lisboa, Edições 70, 1989, pp. 287 - 342.
- [13] Rodrigues, M. G. D., "A imigração alemã e a educação na Petrópolis-colônia (1843-1860)", *Dissertação de Mestrado* (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2008.
- [14] Vasconcelos, Maria Celi Chaves, "*A casa e seus mestres: a educação no Brasil de oitocentos*", Rio de Janeiro, Gryphus, 2005.

